

guitarras. E não nos esqueçamos das moedas de Exu, o
depois mensageiro, para que ele deixe tudo correr bem e
leve nossas oferendas e pedidos ao étnim'.

A festa

Música: Milagres do povo
(Caetano Veloso)

Quem é ateu e viu milagres como eu
sabe que os deuses sem Deus
não cessam de brutar
nem cessam de esperar e o coração
que é soberano e que é senhor
não sabe na escravidão
nem sabe no seu não
nem sabe em si de tanto sim
para dança

para dança
glória
para para além da história

Quobá ia
lá e via

Quobá ia
lá e via

Obatalá guá
Mamãe Orum chora
Lágrimas alegria
Pétala de tomanga
lansã-oiá ria
Quobá ia
lá e via
Quobahia

Obô é no xaréu
que brilha prata luz do céu
e o povo negro entendeu
que o grande vencedor
se ergue além da dor
tudo chegou
sobrevivente num navio
quem descobriu o Brasil
foi o negro que viu
a crueldade bem de frente
e ainda produziu milagres
de fé no extremo ocidente

Quobá ia
lá e via

Quobahia

Obô

Quem é ateu?

Festa para Iabás: as damas negras VII

Mara Vidal

Feitiço, encantamento, glória, poder
ginga mistura tudo e mais
(A bruxa Maria Cecília)

Espiritualidade

Pensando na festa

Nossa vida é cheia de rituais. E nem sempre temos tempo para prepará-los com prazer e parceria, com quem e para quem gostamos, com o objetivo de fazer nossos pedidos ou lamentos, de agradecer ou de louvar. A construção de nosso ritual será também um momento de oração, no tempo, no jardim, no campo, onde o ar esteja livre das barreiras, onde as mulheres e os homens possam andar, dançar, cantar, compartilhar da ceia, das oferendas das deusas e dos deuses.

Nossos paramentos são as coisas coloridas que os olhos vêem: panos, folhas de papel nas cores vermelha, amarelo, branco, verde claro, azul claro, rosa, lilás, marrom, preto; folhas de palmeira ou bananeira para enfeitar e se torturar a toalha do nosso altar; folhas de cheiro para com os pés macurar a fim de espalhar seu perfume e para que, ao toque de nossos corpos, se tornem o banho de axé.

Na nossa cozinha, as coisas que a boca gosta são deleite das divindades: (frutas, água fresca, leite, sal, milho, ovos, abóbora).

A água, a terra, o fogo, o ar, todos deram os seus presentes nos alguidares, nas vailas, nas moedas, nas

Festa para iabás: as damas negras

Mara Vidal

*Feitiço, encantamento, glória, poder,
ginga mistura tudo e mais que dá axé.
(A bruxa Maria Cecília, minha mãe)*

Pensando na festa

Nossa vida é cheia de rituais. E nem sempre temos tempo para prepará-los com prazer e parceria, com quem e para quem gostamos, com o objetivo de fazer nossos pedidos ou lamentos, de agradecer ou de louvar. A construção de nosso ritual será também um momento de oração, no tempo, no jardim, no campo, onde o ar esteja livre das barreiras, onde as mulheres e os homens possam andar, dançar, cantar, compartilhar da ceia, das oferendas das deusas e dos deuses.

Nossos paramentos são as coisas coloridas que os olhos vêem: panos, folhas de papel nas cores: vermelho, amarelo, branco, verde claro, azul claro, rosa, lilás, marrom, preto; folhas de palmeira ou bananeira para enfeitar e se tornar a toalha do nosso altar; folhas de cheiro para com os pés macerar a fim de que exalem seu perfume e para que, ao toque de nossas mãos, se tornem o banho de axé.

Na nossa comunhão, as coisas que a boca come são deleite das divindades (frutas, água fresca, açúcar, sal, milho, ovos, abóbora).

A água, a terra, o fogo, o ar, todos deverão estar presentes nos alguidares, nas velas, nas moringas, nas

gamelas. E não nos esqueçamos das moedas de Exú, o deus mensageiro, para que ele deixe tudo correr bem e leve nossas oferendas e pedidos ao orum¹.

A festa

*Música: Milagres do povo
(Caetano Veloso)*

*Quem é ateu e viu milagres como eu
sabe que os deuses sem Deus
não cessam de brotar
nem cansam de esperar e o coração
que é soberano e que é senhor
não cabe na escravidão
não cabe no seu não
não cabe em si de tanto sim
é pura dança
e sexo
e glória
e paira para além da história*

*Ojuobá ia
lá e via
Ojuobahia*

*Xangô manda chamar
Obatalá guia
Mamãe Oxum chora
Lágrimalegria
Pétala de Iemanjá
Iansã-oiá ria
Ojuobá ia
lá e via
Ojuobahia*

*Obá é no xaréu
que brilha prata luz do céu
e o povo negro entendeu
que o grande vencedor
se ergue além da dor
tudo chegou
sobrevivente num navio
quem descobriu o Brasil
foi o negro que viu
a crueldade bem de frente
e ainda produziu milagres
de fé no extremo ocidente*

*Ojuobá ia
lá e via
Ojuobahia
Obá
Quem é ateu?*

¹ Orum - o mesmo que céu.

Enquanto se canta/lê *Milagres do povo*, duas ou três pessoas jogam as folhas de cheiro no chão.

Uma: As deusas e os deuses africanos se espalham na vida, a cada momento que desabrocham a dor e o prazer, a alegria e a tristeza, a certeza e a dúvida, o amor e o ódio, a verdade e a mentira, o sexo e a abstinência.

As divindades estão nas ambigüidades da vida e da morte.

Outra: Hoje não quero banzo, quero convidar as mulheres daqui para falar da vida e se encontrar com a vida das mulheres de lá. Lá do orum. Façamos deste lugar, aqui no aiê², o ilê³ das nossas histórias. Vem! Vem comigo! Uma, mais uma, mais outra e outras tantas. Que venham as iabás! E vamos fazer a festa ficar bonita, vamos ficar bonitas, dançar, falar, sorrir, chorar, comer, beber, acarinhar, fazer cafuné.

Momento de preparar a mesa: Com as oferendas e os elementos da natureza, cada qual pega seu pano/papel colorido. Tudo pronto!

Algumas preparam o banho de cheiro, numa bacia com água e macerar as folhas, colocando a bacia no centro para que de duas a duas lavem as mãos e o rosto uma da outra.

Outras puxam uma cantiga de roda/de dança com muitas palmas e ao som da percussão para gingar. Quando todas tiverem feito o gesto é hora de falar das ancestrais.

Uma com pano vermelho: Epahei Oya! Senhora dos ventos, capaz de dominar Egungun, espírito dos mortos. Seu nome, Iansã, significa rápido, guerreira, conhecida também como mulher búfalo. Foi esposa de Xangô e Ogum. Ela está no ar do vento, na água e no fogo.

Outra: Iansã (lenda contada por Iya Soleye⁴)

² Aiê - o mesmo que terra.

³ Ilê - casa, morada.

⁴ Iya Soleye (que significa "o mago [ou a filha do mago] merece honra" é o nome em ioruba de Sandra Medeiros Epega, Iyalorixá do Ilê Leuiwyato em Guararema/SP.

Iansã era esposa de Ogum e trabalhava com ele na forja. Ogum pediu a Oxosse que matasse um enorme touro selvagem. Tirou sua pele e com ela fez um fole. Iansã manobrava o fole enquanto Ogum usava o martelo e a bigorna. O fogo da forja mantinha-se aceso o tempo todo. O imenso fole auxiliava no trabalho. Iansã era uma mulher forte.

Um dia houve uma festa de antepassados e os Egungum passeavam pela rua. Cada família ia atrás do Egungum que representava seu ancestral. Todos ficavam felizes em rever seu pai ou avô que estava de volta ao convívio dos seus, belamente vestido em panos soltos e coloridos, com pontas e espelhos brilhantes.

O fole de Iansã, era por ela manejado com muita força, fazia um som alto e rítmico. Egungum, passando em frente à oficina de Ogum, começou a dançar ao som da música do fole. Iansã, vendo a alegria de Egungum, tocava o fole com força e ritmo, alegre com a satisfação dos antepassados.

O povo se reuniu à volta deles, e todos louvaram o deus que dançava ao som do fole de Iansã.

E chamaram-na de "mulher que domina Egungum com o som do fole".

Ogum, ao ver o ajuntamento do povo, ficou orgulhoso de sua mulher. E tirando seu *akoro*, coroa, colocou-a sobre a cabeça de Iansã. Tomou seu lugar no fole, e mandou que ela, com o *akoro* na cabeça, fosse para a rua dançar com Egungum e com o povo.

Iansã, a que dança com Egungum.

Iansã, a que usa akoro na rua.

Todas: Ééépahei Iansã!

Uma com pano rosa claro: Odo Iya! Iemanjá! Mãe dos filhos peixe. Deusa que une a família, cuida das crianças. Matrona, mulher dos seios grandes, símbolo da fecundidade. A água é seu elemento, quando em estado de confluência do rio com o mar, de mar raso. É considerada a mãe de Ososi, Ogum e Exu, adotou também Omolu quando recém-nascido e abandonado por Nanã.

Outra: Iemanjá (lenda contada por Iya Soleye)¹

Iemanjá, filha de Olokun, dona do oceano, teve muitos casamentos, muitos filhos e seus seios cresceram. Ela era uma mulher bem posta, mulher de pés imensos bem plantados, na terra, uma mulher de cabe-

los macios e bem cuidados.

Iemanjá tinha seios grandes, ela havia amamentado muito.

Iemanjá tinha um corpo soberbo de rainha, andava com pose, andava com *status*.

Iemanjá foi requisitada por um rei para ser sua esposa e disse a ele:

- Eu me caso com você, mas nunca diga que os meus seios são grandes; isso me envergonha.

E ele disse a ela:

- Seus seios são uma glória, mas eu nunca te direi isso a você.

Esse rei bebia e Iemanjá foi-se aborrecendo.

O rei sempre chegava bêbado em casa e Iemanjá foi se aborrecendo.

Um dia ele chegou tão bêbado que não enxergava a porta para entrar em casa. Não enxergava para tirar suas roupas. Iemanjá então se irritou e falou tudo que ela pensava do rei, chamou-o de monstro, bêbado e disse-lhe que não o amava mais.

E o rei disse a ela:

- Você, com esses seios imensos, tem coragem de falar isso de mim?

Aquilo foi um choque para Iemanjá, que olhou em volta e seus olhos alcançaram uma cabaça mágica, que sua mãe, Olokun, lhe dera de presente.

Iemanjá decidiu: *é só o que vou levar dessa casa*. Agarrou a cabaça e saiu correndo. Tropeçou, caiu e a cabaça se rompeu. Quando a cabaça se rompeu, a magia se fez. Olokun, lá do oceano, pensou: *minha filha precisa de mim*.

Dessa cabaça nasceu um rio que carregou Iemanjá para o mar.

O rei, refeito da bebedeira, chamou seu babalawo predileto e disse a ele:

- Traga a minha mulher de volta, eu te dou a metade do meu reino.

E o rio, graças à magia do babalawo, começou a correr para trás.

Iemanjá gritou por todos os seus filhos, esses fi-

zeram uma série de magias e o rio continuou a correr para o mar, a chamado de Olokun.

O babalawo fez uma magia mais poderosa e o rio corria para trás, levando Iemanjá. Ela gritou pelo seu filho mais poderoso:

- Kabiyecei Xangô.

Xangô fendeu um morro. Assim que o rio passou esse morro caiu, fendido por um raio.

O rei não conseguia fazer com que o rio ultrapassasse o morro que havia caído.

O rio que carregava Iemanjá estava chegando ao mar.

Iemanjá já estava chegando aos braços de sua mãe, Olokun. Vários babalawo da cidade do rei se reuniram e a magia deles foi tão poderosa que se chocava com a magia de Olokun.

O rei puxava Iemanjá, filha de Olokun, de volta.

Olokun puxava sua filha, Iemanjá, de volta.

E nessa água, nessa turbulência que é o encontro do rio com o mar, mora Iemanjá. Ela é o Orixá do delta. Ela é o Orixá do ponto mais fundo do rio e das águas rasas do mar.

Todas: Odo Iya!

*Uma com o pano preto: Obaxi! Obá, orixá guerreira! Mulher energética e forte, vencedora de muitas guerras. Foi a terceira mulher de Xangô. Senhora da água. Foi possuída por Ogum quando derrotada em uma de suas batalhas. Dizem as lendas que ela era tão escura de pele que a chamavam de Obá *dudu*, que significa Obá preta.*

Outra: Obá (lenda contada por Iya Soleye)

Obá sempre foi valente. Obá sempre foi guerreira.

Mulher de bom coração. Ela é aquela que controla os portões de Oyo para que a bondade penetre na cidade. Mas Obá nunca desprezou uma guerra, um desafio.

Ela desafiou Obatalá e venceu.

Ela desafiou Xangô e venceu.



Ela desafiou Oxosse e venceu.

Ela desafiou Orumila e venceu.

Um dia ela resolveu desafiar Ogum. Ele aceitou o desafio, mas voltou para casa muito preocupado. Ele era o Orixá dos metais. Ele fazia as armas para a guerra. Um homem poderoso ser derrotado por uma mulher?

Ogum consultou o seu babalawo, que mandou que ele fizesse ebó. Nesse ebó ele deveria colocar muito quiabo e muito mel, e espalhar no chão do local onde ia haver a briga.

No dia marcado, Ogum fez isso. Na hora certa lá estava Obá, com seu escudo brilhando, com sua espada na mão. E lá estava Ogum, desarmado; afinal, todo homem ioruba, mesmo os Orixás, sabem que não se toca em uma mulher.

Obá foi para luta, desafiou Ogum com seu grito de guerra. Ogum retribuiu o grito. Quando Obá foi avançar em cima de Ogum escorregou no quiabo com mel e caiu ao chão.

Ogum rapidamente tirou a roupa de Obá e teve uma relação sexual com ela.

Obá foi dominada pelo poder de Ogum, não pelo seu poder mítico de guerreiro e sim pelo seu poder de homem.

Obá perdeu a guerra, mas de uma maneira prazerosa, e nunca ficou ofendida de ter perdido a guerra para Ogum.

Todas: Obaxi!

Uma com o pano lilás: Saluba Nanã! Nanã Buruku, orixá mais antiga, princípio do mundo, mãe de Omulu, filho que nasceu cheio de chagas e que ela abandonara, e de Oxumare.

Senhora que embala os mortos no colo.

Mulher das águas dos pântanos e da lama.

Conhecida às vezes por ser muito ranzinza.

Outra: "Disputa entre Nanã Buruku e Ogum"

"Nanã Buruku é uma velhíssima divindade das águas, vinda de muito longe e há muito tempo. Ogum é um poderoso chefe guerreiro que anda, sempre à frente dos outros Imalés. Eles vão, um dia, a uma reunião. É a reunião dos duzentos Imalés da direita e dos quatrocentos Imalés da esquerda. Eles discutem sobre os seus poderes. Eles falam muito sobre Obatalá, aquele que criou os seres humanos. Eles falam sobre Orunmilá, o senhor do destino dos homens. Eles fa-

lam sobre Exu: 'Ah! É importante mensageiro!' Eles falam muita coisa a respeito de Ogum. Eles dizem: 'É graças a seus instrumentos que nós podemos viver. Declaramos que é o mais importante entre nós!' Nanã Buruku contesta então: 'Não digam isto. Que importância têm, então, os trabalhos que ele realiza?' Os demais orixás respondem: 'É graças a seus instrumentos que trabalhamos pelo nosso alimento. É graças a seus instrumentos que cultivamos os campos. São eles que utilizamos para o esquartejar.' Nanã conclui que não renderá homenagem a Ogum. 'Por que não haverá um outro Imalé mais importante?' Ogum diz: 'Ah! Ah! Considerando que todos os outros Imalés me rendem homenagem, me parece justo, Nanã, que você também o faça'. Nanã responde que não reconhece sua superioridade. Ambos discutem assim por muito tempo. Ogum perguntando: 'Você pretende que eu não seja indispensável?' Nanã garantindo que isto ela podia afirmar dez vezes. Ogum diz então: 'Muito bem! Você vai saber que eu sou indispensável para todas as coisas'. Nanã, por sua vez, declara que a partir daquele dia ela não utilizará absolutamente nada fabricado por Ogum e poderá, ainda assim, tudo realizar. Ogum questiona: 'Como você fará? Você não sabe que sou o proprietário de todos os metais? Estanho, chumbo, ferro, cobre. Eu os possuo todos.' Os filhos de Nanã eram caçadores. Para matar um animal, eles passaram a se servir de um pedaço de pau, afiado em forma de faca, para o esquartejar. Os animais oferecidos a Nanã são mortos e decepados com instrumentos de madeira. Não pode ser utilizada a faca de metal para cortar sua carne, por causa da disputa que, desde aquele dia, opôs Ogum a Nanã."⁵

Todas: Saluba! Nanã buruku!

Uma com pano amarelo: Ore yeyé o, Oxum! Deusa da fertilidade feminina, da pesca e da águas doces.

Orixá vaidosa, elegante, amante do cobre e do ouro.

Foi a segunda mulher de Xangô, também foi amada por Ogum e Oxosse.

Oxum está sempre muito distante e desgostosa com as situações de aborto.

⁵ Pierre Verger. *Orixás - Deuses iorubas na África e no novo mundo*. 2ª edição, São Paulo, Corrupio e Círculo do Livro, 1985, p.62.

Outra: Oxun (lenda contada por Iya Soleye)

Oxun era filha do Rei Oduduwa, que era muito ciumento. Todos os homens, de milhas ao redor do reino, vinham visitar o palácio, atraídos pela fama da beleza de Oxun.

Oduduwa, aborrecido, escolheu a mais alta árvore da floresta, fez vir de bem longe homens que sabiam fazer coisas difíceis, e construiu uma casa no alto da árvore. Fez uma escada, e levou Oxun para lá morar.

Ela chorava muito, tinha medo de ficar sozinha e medo da altura da casa.

O vento cantava nas janelas, e ela dizia:

- Iansã, minha irmã, sopra a casa para o chão e me liberte.

Mas Iansã, não querendo desgostar Oduduwa, nada fazia.

E Oxun resolveu chamar Exu. Cozinhou coisas boas, cantou e louvou muito a Exu. E ele, com o poder da sua cabacinha mágica, escalou a árvore, e ouviu os lamentos de Oxun.

Comeu todas as comidas, bebeu tudo que ela lhe ofereceu, e depois, usando de sua magia, transformou Oxun em uma pomba.

Ela voou para fora da casa.

Continuou voando até Oyo, onde pediu abrigo a Xangô, que se casou com ela.

Quando Oduduwa viu que Oxun fugira, ficou furioso, mas não quis enfrentar Exu.

E quando soube que ela estava casada com Xangô, rei muito poderoso, dono do fogo e do raio, acalmou-se.

Todas: Ore yeyé o!

Um com o pano marrom: Iró, Iyewa! Mãe do caráter, tida como a única deusa moralista do panteão ioruba.

Ela recebe os mortos e os entrega a Iansã.

Mulher que desabrochou para a vida após uma relação com Orumilá, mas se mantém pudica e exemplar.

Quando Xangô tentou ter um caso com Iyewa, ela fugiu para o cemitério, indo morar com Iku, a morte.

Outra: Iyewa (lenda contada por Iya Soleye)

Orumila consultou o oráculo para saber o que fazer, como agir contra a morte, a ruína, a doença, pois se sentia ameaçado.

Foi dito a ele que fizesse ebó e desse *okete*, rato gigante, a Exu. Ele fez todo o ebó.

De manhã, levantou e abriu a porta. Viu a morte, Iku, vestida de vermelho, que vinha pegá-lo.

Correu para o quarto, querendo fugir e se escond

der, sem saber para onde ir. Correu para a sala, e ao chegar ao santuário de Exu, viu que okete havia feito um buraco, como um túnel, que ia para o bosque.

Orumila foi para o mato, atravessou bosques e rios, e chegou a um rio onde viu Iyewa, na margem, lavando roupa com uma grande bandeja de madeira.

Contou o caso a ela, pediu ajuda. Iyewa escondeu-o debaixo da bandeja, cobriu tudo com roupas.

Quando Iku chegou, e pediu ajuda para achar Orumila, ela disse a Iku que voltasse, pois Orumila tinha corrido de volta por aquele caminho.

Depois, descobriu Orumila e disse que ela ia para casa.

Orumila seguiu-a chegando a casa dela.

Iyewa deu roupa a ele para que se trocasse, uma refeição de carne e inhame, e ele disse que tinha sono.

Ela fez para ele uma esteira na sala e foi para seu quarto.

Ela nunca tinha tido um homem, nunca tinha ficado grávida.

Ele falou que era melhor dormir mais perto, no quarto dela. E tirou a roupa dela e convenceu-a a ter uma relação sexual com ele. Pela manhã, Orumilá voltou para suas terras.

Meses depois, ela sentiu-se grávida e as pessoas cumprimentavam-na pela sua sorte. Ela pegou cabras e galinhas, dendê, obis e inhames e foi visitar Orumila.

Quando o filho nasceu, Orumila agradeceu-lhe por tê-lo livrado da morte e ela agradeceu a ele por tê-la livrado de uma vida sem filhos.

Todas: Iro!

Alguém: Orienta para que as pessoas se reúnam em grupo por identificação, por qualquer motivo, com uma deusa e sua lenda. É o momento para falar sobre o que mais nos chama atenção com relação a estas Orixás. Por que as escolhemos? Em que aspecto da nossa vida elas nos tocam? Cada grupo deve definir um gesto, uma cantiga ou até construir uma outra lenda para ser encenada, sintetizando os pontos comuns para as demais presentes nas festa.

A conversa no grupo é regada com água fresca e é servida uma oferenda. Depois de compartilhada a fala e o alimento, é hora de voltarmos ao redor da grande mesa.

Uma: Cada deusa, uma mulher, que contém várias mulheres. Uma experiência, várias vivências, vários sentidos e sentimentos, vários desejos contidos e desvelados, várias marcas no corpo, vários segredos... Fontes de luz, de energia, de axé ... Mulheres de ontem, mulheres do hoje ... Majestades cada qual em

seu reinado. Que reine a mulher que cada grupo escolheu para nos mostrar. (*Segue a apresentação dos grupos.*)

Outra: No ventre todas e todos somos protegidos, durante a gestação, por Oxum.

Música: É d'Oxum (Gerônimo - Vevé Calazans)

*Nessa cidade todo mundo é d'Oxum
homem, menino, menina, mulher
toda cidade irradia magia*

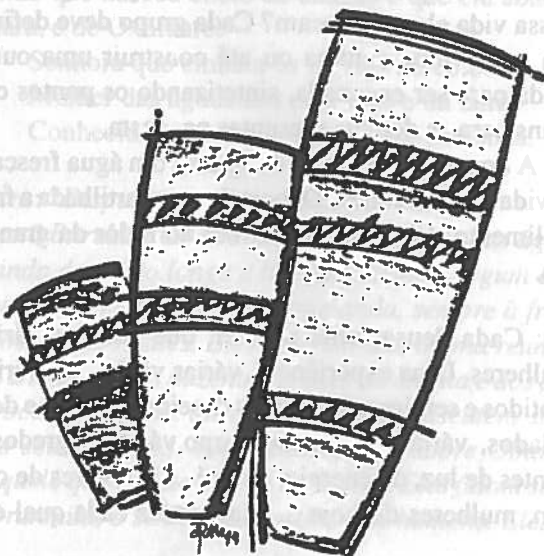
*Presente na água doce
presente na água salgada (bis)
e toda cidade brilha*

*Seja tenente ou filho de pescador
ou importante desembargador
se der presente é tudo uma coisa só*

*a força que mora n'água
não tem distinção de cor (bis)
e toda cidade é d'Oxum*

*É d'Oxum
a ele É d'Oxum
Eu vou navegar
Eu vou navegar nas ondas do mar
Eu vou navegar nas ondas do mar*

Umam puxam a dança com muitas palmas e ao som do atabaque para gingar e outras trazem as oferendas para partilha final.



Poesias

Pensamentos e poemas

Elizabeth Salazar Sanzana

I.
*Niña de los ojos achinados
quisiera que no te miraran
con aquellos ojos brillosos
toscos de la superioridad blanca*

*Razón tenía una vieja
de querer tapar sus ojos
con lentes y mucha pintura
para parecer educada y señora*

*Cuando será el día
que podamos merecer tus ojos
de esperanza y valentía
niña de ojos achinados*

II.
*"Mañana amanecerá bueno, no lloverá..." dijo
mientras
miraba el horizonte rosado. ¿Por qué tanta
sabiduría si ni aún las estrellas aparecían?
¿cómo lo sabe? pregunto apresurada
y me contesta lentamente "por que se ve".
Espero amanecer mañana con lluvia y tormento,
así confundiría su pensamiento y su sabiduría.
Mañana, si cada uno supiera visualizar sobre el
mañana,
con la precisión de aquella anciana mirando el
crepúsculo.
La sabiduría de ella estaba en la observación,
no se si le habían dicho ese cuento antes,*

*pero creo que si es cierto que lo comprobó.
Que locura es esa, la mujer colgó la ropa pensando
en su idea.... ¿y si lloviera!, la tenacidad me
abruma
y creo que no le contradeciré,
no está escuchando opiniones, ni pidió ayuda,
solo actúa "por que se ve".*

Aquela que muito amou

*"porque ela muito amou"
Jesus (Lucas 7,47)*

Roberto E. Zwetsch

Eu me lembro.
Já ouvira suas palavras antes.
Elas caíram em meu coração
como um bálsamo,
como água fresca
em terra sedenta.
Minha vida torta
de repente recebeu uma luz
que não vinha de mim.
Ah, então, passei a amar
aquele peregrino pregador
moreno de Nazaré.

Um dia soube
que chegara em minha aldeia.
Fui resoluto ao seu encontro.
Uma loucura.
Mas precisava vê-lo, tocá-lo,
ao menos uma vez.
Esgueirei-me pela porta
da casa de Simão,
velho conhecido...
Alcancei a mesa
e, reconhecendo-o,
chorei de alegria
ao tocar-lhe os pés.
Com meus cabelos

negros e longos,
em desalinho,
pus-me a enxugar
seus pés molhados
com minhas lágrimas.
Num ímpeto incontrolável
beijei-lhe os pés
agradecida.

Minha vida
não era mais a mesma
desde que o encontrei.
Minha alma ferida
exultava
e eu não podia deixar
de lhe dizer
o quanto o amava.
Ele era tão diferente
dos outros homens.
Ele nunca me tocara,
mas suas histórias e
um olhar bastaram
para mim.
Ah, aqueles olhos firmes e límpidos,
como transpiravam
confiança, amor,
misericórdia.
Isso eu não vou esquecer jamais.

Tirei de minha bolsa
o perfume que comprara
e ungi-lhe os pés.
Era o que de mais precioso
possuía.
Mas não podia negar-lhe.
O amor me venceu.

Ouvi, então, aquela história
que ficou gravada
em minha memória.
No fim, o meu amado virou-se,
fitou-me e falou:
- Mulher, perdoados são os teus muitos pecados
porque muito amaste.
Quem não ama,
não conhece o que é perdão.
A tua fé te salvou.
Vai-te em paz, viva tua vida,
minha irmã.

Será que vocês podem
imaginar a minha alegria
naquele momento?

Ele se dirigiu a mim uma vez,
me amou, me perdoou,
quando nunca fizera
nenhum mal contra mim.
Este homem é profeta de Deus.
Eu o conheci.
Eu o amei
porque me ouviu e me aceitou.
Não cessarei de dar-lhe
provas de amor
enquanto eu viver.

Mais tarde fizeram-no sofrer
muito e o prenderam
e o acusaram e o puseram numa cruz.
Dilacerado ficou meu coração.
Achavam que assim
o poderiam calar para sempre.
Engano.
Deus o ressuscitou dias depois.

Tenho certeza que ele vive.
Vive no amor dessas mulheres
que ousaram crer
em sua mensagem
e a espalharam pelo mundo.
Creio que ele vive
entre os que seguem
seu espírito e sua verdade.
Ele vive no amor que tudo
ama e tudo perdoa.
Ele é a razão do meu viver.
Ah, nunca será demais
gritar desde o mais fundo
das minhas entranhas:
Bendito sejas,
moreno de Nazaré,
profeta de Deus!

Palavras Novas

Manuel Rui, Angola

De palavras novas também se faz país
neste país tão feito de poemas
que a produção e tudo a semear
terá de ser cantado noutra ciclo.

E fértil este tempo de palavras
em busca do poema
que foge na curva das palavras
usadamente soltas e antigas
distante das verdades dos rios
do quente necessário das brasas
do latejar silencioso das sementes
dentro da terra quando chove.

Proponho um verso novo
para as laranjas matinais
e os namorados
com que havemos de encher todos os dias os
mercados.

Proponho um verso novo
para a guelra do peixe sem contar
para a abundância da carne
e a liberdade das aves desenhada
no amor das escolas
dos campos e das fábricas.

Proponho um verso novo
para o milho a mandioca suculenta
o amadurecido cacho de dendém
alegre na fatura dos dedos
e das bocas.

Produzir na palavra
é semear e colher
é cumprir na escrita
a produção.

Produzir na palavra é cantar no poema
todas as raízes
deste chão.

Integridade

Geni Mariano Guimarães

Ser negra
Na Integridade
Calma e morna dos dias.

Ser negra
De carapinhas,
De dorso brilhante,
De pés soltos nos caminhos.

Ser negra
De negras mãos
De negras mamas
De negra alma.

Ser negra
Nos traços nos passos
Na sensibilidade negra.

Ser negra
Do verso e reverso
De choro e riso
De verdade e mentiras
Como todos os seres que habitam a terra.

Negra
Puro afro sangue negro
Saindo aos jorros
Por todos os poros.

Quero ser tambor

José Craveirinha,
Moçambique

Tambor está velho de gritar
ó velho Deus das gentes
deixa-me ser tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra.
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra.
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra!

Eu!
Só tambor rebentando o silêncio amargo
Só tambor velho de sangrar no batuque do meu povo.
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Oh! Velho Deus das gentes
eu quero ser tambor.
E nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.

Só tambor ecoando a canção da força e da vida
só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até a consumação da grande festa do batuque!

Declaração de esperança

Zephania Kameeta

Como a fumaça que se vai
Como a cera que se derrete no fogo
Assim desaparecerão racismo e opressão
Diante do semblante de Deus
Criaturas oprimidas e massacradas
Serão libertas
E na sua presença
Elas jubilarão e gritarão de alegria

Menina

Benedita da Silva

Menina, te cuida!
Senão vais morrer
teu corpo queimado do sol
de raça, da lida da luta
da opressão
não aguenta isso não.
Menina, te cuida!
Senão vais morrer.

Produzir na palavra é cantar no poema
todas as raízes
deste chão.

Un millón de nombres de mujeres

Tercera carta circular

Deseamos expresar por medio de esta carta nuestro agradecimiento a las personas que han enviado los nombres y las contribuciones. Gracias a las líderes de los comités de las distintas partes del mundo, que con entusiasmo han trabajado desinteresadamente por la campaña. Gracias a las iglesias y organizaciones amigas que han contribuido como tales, porque creen en el proyecto. Gracias a las voluntarias y voluntarios que han llegado a San José para ayudarnos. Gracias a la vida y a Dios por los sueños, porque soñar nos hace sentir personas vivas, capaces de romper la desesperanza, la insolidaridad y el desamor.

El 8 de marzo de este año no pudimos colocar la primera piedra porque no han llegado suficientes fondos. Pero, en un hermoso acto litúrgico, sembramos bougambilleas (flor muy colorida) en los cuatro puntos cardinales del terreno. Con ello empezamos a construir el muro natural que rodeará la nueva casa de estudios. Nuestro deseo es empezar la construcción de la unidad académica-administrativa el 8 de marzo de 1997, si conseguimos medio millón de nombres.

El proyecto ha sobrepasado nuestra capacidad. Contamos con poco personal y recursos. Por esto, hemos acogido con alegría la llegada de Nancy Boyé. Ella permanecerá con nosotros y nosotras como coordinadora del proyecto por un período de tres años.

Frecuentemente nos llegan estas preguntas: ¿Será una universidad de mujeres? ¿Por qué nombres de mujeres? ¿Por qué solo un dólar? ¿Se pueden dar más nombres? A estas preguntas contestamos:

La Universidad Bíblica Latinoamericana no será una universidad para mujeres ni de mujeres. Será una universidad mixta en donde la presencia de la mujer sea fundamental. Se trata de un proyecto de educación alternativa para América Latina. Actualmente llegan estudiantes de todos los países latinoamericanos y de otras partes. El ecumenismo se vive y la alteridad acontece cada día, en el respeto a la espiritualidad, la cultura, el género del otro y la otra. Los nombres de mujeres son para que jamás sean olvidadas. Rescatamos su memoria para las generaciones futuras a través de sus nombres. Se pide una contribución pequeña para que puedan participar aún las personas de pocos recursos, pero, sobre todo, para que los/as estudiantes y profesores/as no olviden que el pensamiento se construye desde abajo. Por supuesto que se pueden dar todos los nombres que se deseen acompañados de un dólar cada uno.

También queremos invitarlo e invitarla a usted para unirse a este sueño. Pida informes de cómo hacerlo al SBL, Apartado 901-1000, San José. Puede mandar los nombres y el cheque a nombre del Seminario Bíblico Latinoamericano, a la casilla aérea de Miami, Depto SJO 2174, P.O.Box 025216, Miami, Fl.33102-5216, USA, o al mismo apartado en Costa Rica.

Los sueños se realizan con las manos y el corazón de todas y todos.

Elsa Tamez
Rectora

Con-spirando

Revista Latinoamericana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología

Un espacio de encuentro para compartir e intercambiar experiencias, ideas, recursos, sueños, informaciones, energías, propuestas, visiones...

Le invitamos:

a expresar nuestras espiritualidades,
a crear nuestro ritos y celebraciones,
a construir nuestras teologías,
desde nuestros cuerpos,
nuestro espíritus,
nuestras vidas,
nuestras experiencias de mujeres,
a explorar una perspectiva eco-feminista,
que a la vez que exprese
nuestra diversidades
de clase, raza, edad, cultura
recoja nuestro amor y nuestra angustia
por la vida de este planeta que habitamos
a respirar-con-otras
a con-spirar juntas
a encontrarnos en
Con-spirando

Revista Latinoamericana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología

Dirección: Casilla 371, Correo Nuñoa, Santiago, Chile, fono/fax: (562) 222-3001

Gira tu cheque a: Con-spirando Ltda
Casilla 371-11
Correo Nuñoa
Santiago, Chile